

JOGO DE COPAS

Leilac Leamas

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
JOGO DE COPAS

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.ª Edição)
Referência Interna SP2025.38 | 21.04.2025 | 15:49
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



*Para os Jogadores de Copas,
Não Simples Prisioneiros do Destino,*

Este livro é dedicado a todos os que carregam no peito as cicatrizes de um amor perdido, mas que, ainda assim, se atrevem a sonhar com a reconquista. Aos que não se rendem ao silêncio da ausência e transformam saudade em coragem. Aos que entendem que o amor não é apenas um destino, mas uma jornada, feita de quedas, reencontros e uma vontade incansável de escrever um novo começo.

Prólogo

Chamam-lhes *safe houses*, casas seguras. Lugares onde os passos do mundo não chegam, onde o tempo desacelera e a pressa do quotidiano perde o significado. Nesses lugares, que o mundo não alcança, o peso das minhas lutas, as pressões sobre mim, dissipam-se como fumo ao vento.

Para alguém como eu, que vive há anos no jogo dos segredos e das verdades que não podem ser contadas, saltando entre aqui e ali, lutando com este e com aquele, desafiando monstros, gigantes e até a própria lei, essas casas são muito mais do que esconderijos. São portos de abrigo, pedaços de paz cuidadosamente escolhidos, que me permitem renascer de cada vez.

As casas não são apenas seguras. São casas em lugares onde a minha alma se sente acolhida, onde os cheiros da terra e das flores marcam as memórias e trazem promessas de futuro. Casas que me convidam a viver a simplicidade de um dia, sem códigos para decifrar, tribunais para enfrentar, gigantes para derrotar ou missões para cumprir. Cada uma delas guarda pedaços daquilo que sou e, talvez, do que desejo ser.

No sul de Espanha, há uma quinta isolada onde as laranjeiras se inclinam sob o peso dos frutos e o ar, doce e perfumado, é a minha oferta de tranquilidade a mim mesmo. No Alentejo, uma casa caiada de branco repousa no meio de campos dourados, com as noites estreladas a oferecerem uma serenidade quase intemporal, onde apenas o farfalhar das oliveiras é ouvido.

Em Palermo, entre o caos das ruelas e o cheiro do mar, há um apartamento escondido, velho, mas arrumado, onde o passado se desdobra em cada esquina até chegar ao Teatro Massimo, palco de tantas óperas, quase como a minha vida.

Em Ferrara, ou perto, num local inconfessável e secreto, esquecido pelo tempo, está uma casa silenciosa, enorme, um refúgio entre campos e árvores antigas, que me faz desaparecer, até de mim mesmo.

E depois, há Milão. A cidade que nunca para, onde o ritmo frenético da vida contrasta com a minha necessidade de pausa, onde, por vezes, me escondo em pleno coração da agitação, um ponto para observar o movimento sem ser visto, sentir a energia sem me deixar consumir por ela. Um pequeno e antigo apartamento, num primeiro andar da periferia, serve para fugir sem correr, para me esconder sem estar escondido, para estar no centro da agitação sem me deixar agitar.

Há mais uma, à beira de um olival na Toscana, onde o aroma do vinho e do pão fresco me lembra que a vida tem sabores que os perigos nunca conseguirão apagar. É perto onde o som do mar desenha a melodia perfeita para amanheceres tranquilos e o pôr do sol canta desenhos nas nuvens para jantares inesquecíveis.

Cada uma dessas casas é mais do que um abrigo; é uma parte de mim. São lugares onde posso escapar do mundo e, paradoxalmente, encontrar-me nele. São onde desligo as máscaras e permito que o homem por detrás do escritor, por detrás do espião, por detrás do litigante, por detrás do conspirador, por detrás do justiceiro—ou que pelo menos a isso aspira—respire. Porque, no final, todos precisamos de lugares assim—não apenas para nos escondermos, mas para vivermos plenamente. Essas casas são tanto um refúgio para o corpo, como para a mente e o coração.

Mas, por mais encantadoras que essas casas sejam, há algo que me escapa, algo que não consigo alcançar. Cada uma é um refúgio meticulosamente escolhido, cercado de beleza e silêncio, mas todas carregam uma ausência que não consigo ignorar. Falta aquela flor que amei, o perfume inconfundível que deveria estar ao meu lado quando acordo, preenchendo o vazio com a simplicidade de um gesto e de uma respiração.

JOGO DE COPAS

É um vazio que eu carrego comigo, o espaço deixado por ela. Porque, no final, de que adianta um amanhecer perfeito, com o som do mar e o cheiro de café recém-passado, se não é ela quem está ali para partilhar?

De que serve um jantar ao desenho do pôr do sol, com o céu pintado em tons de rosa e laranja, se a cadeira ao meu lado está vazia?

Decidi: não posso mais aceitar viver assim. Preciso enfrentar o que me falta. É isso que eu quero agora e decidi buscar—ou talvez reconquistar. Porque, sem ela, esses lugares não são mais do que cenários. Belos, sim, mas imóveis. Lugares que me abrigam, me transformam, me serenam, mas não me completam.

Quero mais do que esconderijos.

Quero mais do que a segurança de paredes bem escolhidas.

Quero o turbilhão de emoções, o caos de um amor partilhado, os instantes imperfeitos que tornam a vida real.

Quero a inquietação que só o amor traz, o calor de estar ao lado dela e sentir que, no meio do caos, tudo está exatamente como deveria estar. E é isso que eu vou procurar agora.

Quero correr o risco. Quero abrir a porta.

Esta não é apenas uma nova página, é um novo livro. Deixo para trás os *puzzles* do diabo, os gambitos de peão e os labirintos de escritor. Agora, será um jogo diferente—um jogo sem máscaras. Um jogo de amor e coragem—um jogo de copas.

Desta vez, não vou recuar. E desta vez, não posso perder.

1

O Tempo Suspenso

Palermo, março de 2025

Há lugares que nos chamam, não pelo conforto imediato que oferecem, mas pela promessa de algo mais profundo: uma ligação com o passado, com a alma das coisas. Palermo é um desses lugares. Ali, o tempo parece ter outro ritmo, como se as horas se estendessem preguiçosamente entre as vielas antigas, os mercados ao ar livre e o cheiro do mar que se mistura com o das frutas vendidas na praça. Tudo anda devagar, como se cada instante tivesse de ser saboreado antes de passar. Tudo parece estar articulado de forma a criar resistência ao mundo moderno, numa celebração daquilo que não muda.

Escolhi Palermo porque precisava dessa pausa, dessa desconexão controlada. A promessa da calma aparente, da possibilidade de desaparecer num mundo onde as horas não se medem por compromissos, mas pelo ritmo natural das pessoas, era o meu apelo. Era como se, ali, o tempo tivesse uma textura diferente, mais densa e mais palpável. E, por algum motivo, aquele pequeno apartamento numa ruela estreita do centro histórico cumpria essa promessa.

As pessoas em Palermo vivem com uma simplicidade quase desarmante. Sentam-se à porta de casa para conversar ao fim da tarde, enquanto as crianças brincam nas ruas sem pressa de crescer.

As mulheres falam alto entre si, com gestos amplos a acompanharem cada frase, enquanto os homens se reúnem em pequenos grupos, discutindo algo que parece sempre urgente mas nunca desesperado. Há algo de profundamente humano naqueles encontros, uma partilha genuína que contrasta com a superficialidade das relações nas grandes cidades. Em Palermo, as pessoas vivem umas com as outras, não apenas ao lado umas das outras. Eu queria sentir isso, fazer tanto parte desse mundo, dessa vida.

O tempo ameno faz com que Palermo pareça sempre suspensa numa primavera interminável, onde o calor nunca é excessivo e o frio é apenas uma brisa que pede um casaco leve. E eu, no meio disso tudo, sentia-me quase invisível, um mero observador de um mundo que continuava a girar sem a urgência que a minha vida me tinha imposto nos últimos anos.

E era tudo isso que eu procurava. Um lugar onde pudesse simplesmente existir, sem expectativas e sem pressão.

A Camilla interrompeu os meus pensamentos com uma pergunta direta, sem rodeios, como era o seu costume.

“Quando é que nos mudamos para Scopello?”

A pergunta veio acompanhada de um olhar firme, mas não agressivo. A Camilla estava sentada no pequeno sofá de tecido bege, com uma chávena de café entre as mãos, os olhos claros fixos em mim enquanto a luz filtrada pelas cortinas envelhecidas mal iluminava a sala.

“Assim que a casa estiver pronta,” respondi, tentando soar mais seguro do que realmente estava. “As obras ainda não terminaram.”

A Camilla suspirou, visivelmente desiludida. “Essas obras deveriam ter acabado em janeiro. Parece que não te interessa mais a casa. Andas a adiá-la sem motivo aparente.”

“Tenho feito o melhor,” repliquei, mantendo a voz calma. Mas, no fundo, sabia que havia uma verdade desconfortável nas palavras dela. De alguma forma, sem entender exatamente porquê, eu tinha negligenciado as obras. Parecia que estava a adiar deliberadamente aquele capítulo da nossa vida.

“A casa de Scopello é linda, frente à praia, espaçosa, luminosa...” a Camilla insistiu, com um tom de alguma forma

frustrado. “Este apartamento é minúsculo, sem garagem, numa ruela onde a luz mal entra pelas janelas. Não entendo por que queres continuar aqui.”

Olhei ao redor, absorvendo o ambiente aconchegante, apesar da simplicidade. “É uma casa arrumada, cheia de vida e bem no centro de Palermo. Estamos a um passo de tudo, da vida, do movimento.”

Ela revirou os olhos, exasperada. “Podíamos ir para Le Lavandou, para a minha casa. Os dias estão a ficar mais longos, a primavera está a chegar. Seria perfeito.”

“Agora, a vida simples de Palermo é o que precisamos.” Disse isto num tom firme, quase para me convencer a mim próprio. “Precisamos de desintoxicar-nos do mundo e da vida que deixámos para trás.”

Antes que a Camilla pudesse responder, o som agudo e familiar do meu telefone seguro, o Bittium, interrompeu a conversa. Aquele telemóvel não tocava há meses. Peguei nele rapidamente, sabendo que só podia ser a Toscin.

“Toscin,” cumprimentei, afastando-me para uma divisão ao lado, onde a Camilla não pudesse ouvir.

“Como vai essa tua reclusão em Palermo?” A voz dela soava com o seu característico tom de sarcasmo.

“Uma cura necessária,” respondi. “Estava a precisar disto.”

“Ótimo, mas vais ter de fazer uma pausa nesse teu tratamento. Preciso que arranques para Paris. Temos uma nova missão. Enorme e muito lucrativa.”

“Paris?” franzi o sobrolho, tentando processar a informação.

“Sim, no hotel Peninsula, daqui a dois dias. Vais reunir-te com Antoine Jeannot, advogado francês, ligado ao partido NUPES e com ligações ao partido democrata nos EUA.”

Suspirei, não sabendo bem se aquela proposta de ruptura na minha nova vida siciliana seria uma pequena e bem vinda distração ou uma nova maldição. “Entendido. Estarei lá.”

Depois de desligar, fiquei um momento em silêncio, a processar a mudança abrupta de planos.

Quando voltei para a sala, a Camilla já não estava lá. Encontrei-a no quarto, em frente ao espelho, a pentear o seu longo e loiro cabelo, a preparar-se para sair.

“Preciso de ir a Paris em trabalho. Dentro de dois dias,” anunciei, tentando soar casual.

Ela virou-se, com um sorriso inesperado. “Que bom sair desta cidadeca. Já estava cansada. Vai ser bom ir a Paris.”

“Vou sozinho,” acrescentei, observando a expressão dela a mudar. Antes que pudesse protestar, lembrei-a, “ainda o mês passado estivemos lá,” depois sugeri, “mas podias aproveitar para ir a Le Lavandou, passar uns dias com a Jasmin.”

A Camilla pousou a escova, encarando-me com todo o peso da decepção e com um toque, nada fingido, de tristeza nos olhos. “Estás diferente, distante. Parece que já não queres que participe na tua vida. Há semanas que não me tocas, que não fazemos amor. Algo te preocupa? Fiz algo errado?”

Aproximei-me e, sem responder diretamente, beijei-a, tentando afastar as dúvidas que a rodeavam.

Ela não disse nada, mas retribuiu o beijo com intensidade. E, naquele momento, as palavras não eram necessárias. Era apenas eu e ela, a tentar recuperar o que se tinha perdido entre as obras da casa de Scopello e... sei lá o que mais.

Com os dedos, afastei delicadamente os fios de cabelo que lhe caíam teimosamente sobre o rosto, sentindo o calor da sua pele contra a minha. Quando os nossos lábios se encontraram de novo, a urgência tomou conta de nós, uma urgência que não pedia permissão, apenas acontecia, como se precisássemos desfazer a distância que tínhamos deixado crescer.

Desci os meus beijos pelo seu pescoço, enquanto as minhas mãos deslizavam pelas suas costas, encontrando as alças finas do vestido que deslizei suavemente pelos seus ombros.

A Camilla fechou os olhos, soltando um suspiro que parecia carregar consigo todas as tensões acumuladas. O vestido deslizou pelo seu corpo como uma memória que se desfaz devagar, até restar apenas a sua pele nua e quente. Beijei os seus seios com uma devoção que não conseguia explicar, apenas sentir, absorvendo a sua resposta a cada toque dos meus lábios.

Num movimento que me apanhou desprevenido, a Camilla subiu para o meu colo, com as pernas a entrelaçaram-se ao redor da minha cintura, segurando-se a mim como se eu fosse a âncora que a

JOGO DE COPAS

impedia de se perder. A pressão do seu corpo contra o meu trazia uma familiaridade inquietante, como se estivéssemos a repetir algo antigo, mas ao mesmo tempo começássemos de novo.

Levantei-me, levando-a comigo até ao toucador, onde a sentei com cuidado, sem nunca interromper o beijo.

O espelho refletia-nos, mas eu evitava olhar, preferindo concentrar-me na textura da sua pele, no som da sua respiração, na forma como o seu corpo respondia ao meu. Sentei-a com cuidado, e, com uma mão firme, afastei-lhe as cuecas, o tecido fino cedeu com facilidade, como se também estivesse à espera deste momento.

Os nossos olhares cruzaram-se por um instante, um instante que pareceu longo o suficiente para dizer tudo o que não ousávamos verbalizar. Então, sem hesitação, penetrei-a, e, naquele gesto, havia tanto desejo quanto uma necessidade mais funda, uma urgência primitiva de nos encontrarmos no meio daquilo que tantas vezes nos afastava.

Fizemos amor como há semanas não fazíamos, numa tentativa desesperada de redenção, como se cada toque pudesse apagar as dúvidas, as ausências e as perguntas que não sabíamos responder. E, por breves instantes, o pequeno apartamento em Palermo deixou de ser apenas um esconderijo. Tornou-se um lugar onde não precisávamos de explicações, onde bastava estarmos ali, um com o outro, a preencher os vazios que temíamos nomear.
